

CORREIO DO VOLTA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sã Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accetta collaboração que não seja sollicitada.

AO CONGO

Levou-nos a «Save», o barco mais novo da marinha de guerra nacional, um berço couçado a baloiçar-se nervosamente nas aguas. Trinta horas de paz: o mar, batido pelo alto sol, semeava de estrellinhas e de constellações a immensidade azulada das suas aguas; a costa africana, sempre á vista, passava lentamente deante de nós, com os seus relevos monstruosos, com as suas margens phantasticas; dentro da canhoneira uma officialidade gentil e uma tripulação viva, ligeira, de pescoço ao léo, de rijos braços cabbelludos e tatuados.

Cabinda, do largo mar, dá ideia de um gigantesco ramo de verdura salpicado de malmequeres amarellos e brancos; cada pavilhão tem á volta um verdadeiro jardim botânico.

A população europeia é amavel e trabalhadora, embora nem sempre afortunada. O governador do districto, homem de boa cabeça e de bom coração, prudente e pacífico, foi administrador do concelho de Aveiro durante a revolta do nabo, e trouxe de lá, segundo lhe ouvi, optimas impressões da nossa gente, da nossa ria e dos nossos doces.

A missão catholica fica a tres kilometros de distancia da villa; a igreja levanta-se, modesta e graciosa, ao fundo de uma longa e esplendida avenida de gigantes mangueiras, cheias de sombra e de fructo, de aroma e de passarinhos. Nesse dia a alameda encheu-se de gente; das mangueiras pendiam disticos, flôres e bandeiras; á frente do cortejo, os pequenitos da missão, de carapinha fechada, de grandes olhos brilhantes e inquietos, de vozes harmoniosas, entoavam canticos e saudações, em magnifico canto gregoriano, áquelle que vinha abençoá-los em nome de Deus.

De Cabinda a Landana são duas horas de mar; subimos no «Vilhena», um pequeno vapor costeiro. Quem, de repente, depois de ter percorrido as estradas solitarias de Landana, as suas raras e silenciosas habitações, depois de ter habituado a imaginação a este deserto, se encontrasse frente a frente da magestosa basilica, enorme e radiante, erguendo para o céo a sua torre gothica e os seus coruchéos, julgar-se-hia certamente victima de um sonho aprazível. Aquella igreja surge alli

não se sabe como. Disseram-me que o genio que a concebeu illuminou a frente de um pobre velho de longas barbas, que se deixava escarnecer dos rapazes e que morreu ignorado. Quem sabe? pesadas as coisas, medidas escrupulosamente as distancias, o architecto de Landana não foi menos heroe do que Miguel-Angelo lançando aos espaços a cupola formidavel do Vaticano.

Perto de Landana, ás bocas do Chiloango, ha um centro de feitorias commerciaes. O cocote vem do interior, desce o rio em vapores, e entra no Oceano em condições horrosas de embarque e de segurança para a vida dos pretos empregados n'esse serviço. O rio é largo, solitario e silencioso, orlado de altos manques presos pelas suas raizes pendentes num terreno alagadiço.

Alguns dias depois, ao calor da tarde, ancorava a canhoneira á entrada do Zaire. Umaguelas de respeito; de canto a canto, na sua maior extensão, corre uma linha de onze kilometros. Que seria, pensava eu ao metter-me num commodo escaler que me levou para terra, que seria quando aqui chegaram os nossos primeiros navegadores, embarcados nas suas frageis caravellas, e plantaram o padrão naquella ponta, naquella mesmo sitio onde se ergue além aquella cruz?

De S. Antonio do Zaire ao Lunuango, onde existe uma missão catholica, são treze horas de tipoia com um pequeno intervallo no Quifuma. Que magnifica raça, esta dos mussoróngos! A pelle tem a côr e os reflexos metallicos de um sino de bronze que ainda não se estreitou na sua torre; a cabeça, proporcionada, com uma certa tendencia para as feições arianas, prende-se aos hombros por um collo flexivel, elegante e robusto; a plastica é impecavel, terminando porém quasi sempre por uns pés rebeldes.

Lunuango é a terra da *sansiviera*, cuja fibra, branca como o leite, fina e resistente como um arame, tem optima applicação nas industrias textis.

De regresso a S. Antonio, no meio de um espectáculo que me fez lembrar a benção da agua em sabbado de Alleluia na igreja da Vera-Cruz—todos armados de bilhas, canecas e garrações—abri pela primeira vez, com mão commovida, a torneira dura e reluzente da fonte publica. Disseram-me que fizesse um discurso; eu fallei as-

sim, voltado para o Residente: Jesus Christo, na cruz, teve sede, e os judeus, para a saciar, deram-Lhe fél e vinagre; V. Ex.ª, sr. tenente Lima, procede com outras entranhas; dá agua fresca a quem quer beber!

No dia seguinte estava no Ambrizette. Ha lá um rei, D. Miguel, que põe um rico manto de velludo vermelho e de arminhos sobre um fato de lialho branco; senta-se n'um tirapé enquanto a sua gente dança infatigavelmente os seus extranhos batuques.

Ainda entrei no Ambriz, centro commercial de importancia. Gente hospitaleira e animada.

A canhoneira parou em Loanda n'uma deliciosa manhã.

João, bispo d'Angola e Congo.

CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Allegando motivos ponderosos, exige v. que eu lhe encha, para o numero de domingo, uma columna. V. merece ser attendido. Eu teria mesmo um enorme desgosto, se não pudesse fazê-lo. E—ai de mim e de si!—uma grande difficuldade surge. Não ha assumpto. Para encher uma columna, pouco mais de meia centena de linhas, quantas voltas não ha-de ser preciso dar á imaginação! Cada palavra representará um trabalho incalculavel. Cada phrase—uma tortura inaudita.

Mas—notará v.—então os escandalos do Credito Predial ou os disturbios do Parlamento não constituem um manancial inexgotavel? Não são até recursos providenciaes para a imprensa?

Talvez. Pelo menos, a maior parte dos jornaes aproveitamos, exploram-nos, e juram não abandona-los, enquanto... outros mais retumbantes não apparecem. Mas eu confesso: não sei tirar d'elles partido.

O caso do Credito Predial, só de lembra-lo, atterra-me, deprime-me, enerva-me. Se me sentisse, ao menos, indignado, gritaria, protestaria. Mas, não. Sinto-me triste. Succumbo. Não posso fallar. Estou como se me tivesse acontecido uma grande desgraça.

Por outro lado, o Parlamento—por mais cadeiras que par-

tam, por mais injurias que se profiram, por maiores disturbios que se façam, por mais extraordinarias violencias que se pratiquem—não consegue já apresentar-me nada de novo, de imprevisito. Leio os extractos das sessões e a impressão é invariavelmente a mesma: a politica, como se comprehende e pratica em Portugal, é a peor coisa que o homem inventou.

Agora mesmo, acabo de vêr, nos jornaes da noite, o que se passou hoje, sexta-feira, na sessão da camara dos pares. Talvez, por ser dia de magro, estavam todos, os dignos membros da camara alta, mal humorados e impertinentes. D'ahi, de certo, o terem palrado muito, mas sem proveito nenhum para o paiz. E, d'ahi ainda talvez, haver o sr. presidente marcado sessão apenas para terça-feira. E' um processo comodo, este, de passar o tempo e poupa-se, pelo menos, o calço á lingua aos dignos pares, que, pela experiencia e pela idade, já deveriam ter comprehendido quanto é verdadeiro o proverbio—quem muito falla pouco acerta.

Mas o que se passou hoje será porventura alguma coisa inedita? Ninguem o supporá. Para mim, é a repetição do que ha muitos annos acontece, quando está aberto o parlamento. Não me desperta, portanto, interesse, não me enthusiasma nem me indigna. Abate-me. Entristece-me. Poderia dispor-me para gemer uma elegia, se acaso os Deuses me tivessem fadado para tão altos destinos, mas nunca para traçar meia duzia de linhas a que pudesse chamar-se, mesmo com muito favor, um artigo.

Será, pois, prudente, applicando mesmo o aphorismo referido, recolher-me, por hoje, ao silencio.

Seu do coração

A. B. C.

Prevenimos os nossos obsequios assignantes do Rio de Janeiro (Brazil) de que os recibos estão em poder do sr. Sebastião Simões de Magalhães, que poderá ser procurado das 8 horas da manhã ás 5 da tarde na Praça Tiradentes n.ºs 75 e 77, e, fóra d'estas horas, na Rua Barão de Pirassinunga n.º 39.

A todos pedimos o favor de satisfazerem as suas assignaturas, significando-lhes, desde já, o mais vivo reconhecimento.

“A ALMA NACIONAL”

E O “LUAR DE JANEIRO”

Antonio José d'Almeida, um dos meus velhos amigos, pediu-me para a *Alma Nacional*, em que o illustre e denodado democrata põe a nota poetica e vehemente da sua inquebrantavel fé republicana, qualquer coisa que seja ou tente ser uma previsão seria e calma, mais ou menos scientifica e philosophica—mais ou menos anthropologica, ethnologica, historica, sociologica, etc.—, do que poderá dar e dará em modo-de-ser social a boa gente portugueza.

Confesso-me antes de mais, sem falsa nem real modestia, incompetente no assumpto, que exige vastos saberes e a noção rosalinica, que faz a força de muitos, de que se sabe da coisa. Só pela rama conheço as sciencias largas e vagas que auctorisam o gisamento de previsões sociologicas, e tenho tanta confiança nos Izaías politicos da nossa terra e das outras como no genio poetico do senhor Mello e Sousa, precipuo governador colado do Banco de Portugal. E' certo que n'este paiz a que o nosso epico-lyrico unico e unicolado chamou Praia Lusitana é comezinho e diario escriptores conhecidos versarem exhaustivamente assumptos que não conhecem. Chama-se a isto talento, quando se lhe não chama genio. Mas nem toda a gente possui, mesmo n'esta praia mansa em que os talentos e os genios abundam como a sardinha, a manigancia magnifica de versar o que ignora.

Posto isto com singeleza, vou tentar, apesar d'isto, ver, pela rama tambem, sommaria e elementarmente, nota aqui, nota acolá, quanto o passado e o presente do bom povo portuguez permittem a previsão—vaga e incerta, é de vêr—do seu porvir social.

*

A gente de Portugal é velha. Tem vivido quanto bonda para se encher d'indiferenças á força de desenganos. O homem palethnologico—a creatura interessante que lograra desabrochar da fauna pithecanthropica na aurora dos quaternarios—habitou a terra formosa onde D. Manuel II—descendente, como qualquer, do homem palethnologico—é rei por graça de Deus.

Sobr este protofundo ethnico, demoradamente prehistorico e mais ou menos geral no Antigo Continente, successivas ondas humanas, já diferentes umas das outras, mais ou menos diferenciadas por accções de meios diversos e pelas reacções varias, expressas em adaptações, do sêr vivo a cada meio, vieram colaborar, sommatica e psychicamente, durante milhares d'annos, na formação complexa da gente portugueza d'hoje. Essas ondas—em que ligures, iberos, confusos celtas, phenicios, carthaginezes, raros e fugidios gregos, romanos, germanos, judeus, arabes, berberes, etc., figuram serialmente desde os tempos protohistoricos até ás definições: ethnica,

politica e geographica da nação portugallense—diferiram profundamente na importancia da quota, quer sommatica, quer psychica, quer sommatica e psychica, com que cada uma entrou na lenta ethnogenia da nossa nacionalidade. Por exemplos: a quota iberica, contra o que em regra se escreve, seria quasi só sommatica e de somenos valor, tendo dado ao portuguez pouco mais que a catadura, o aspecto, peninsular; ao contrario, a quota romana seria quasi só psychica (os romanos, na Peninsula, foram sempre em pequeno numero; o forte dos seus exercitos compunha-se de mercenarios), quasi só d'educação, pela sciencia juridica, pela arte administrativa, pela organisação politica, pela cohesão religiosa e pelo vocabulario; e a quota arabe-berbere seria a um tempo sommatica e fortemente psychica, mormente no sul da Peninsula, pelo numero grande e luzido, pela longa permanencia, pela cultura brilhante, pela tolerancia larga, e emfim, dominantemente, pelo vivo genio poetico, sensual e decorativo dos invasores sarracenos.

Para Theophilo Braga, o *ethos* fundamental e a bem dizer exclusivo da população portugueza proviria dos ligures, os primeiros dos habitantes da Europa occidental a que os escriptores antigos, Hesiodo, Herodoto, Thucydides, Posidonios, Strabão, Tito Livio, etc., fizeram certas referencias. D'esta-tura media ou pequena, brachycephalos, leptorrhynios, morenos, magros, frugaes, activos e resistentes, heroicos e soffredores —taes eram, ao que parece, os *ligures* dos latinos, ou os *liguses* ou *ligues* ou *ligyes* dos gregos. Habitando de preferencia as visinhanças dos mares, tinham o genio maritimo das viagens e descobertas. Se expulsos dos litoraes por inimigos mais fortes em numero ou artes de guerra, iam viver nas montanhas como pastores-agricolas indomitos e infatigaveis. Eram indo-europeus ou como lhes queiram chamar, utilisavam o bronze, e teriam iniciado na confusa Europa antiga uma civilisação pre-celtica, notavel pelo commercio maritimo e fluvial. Vindos das margens do Baltico e d'outras regiões do norte, formaram uma onda ethnica que se alastrou pelas costas e, por vezes, no interior do occidente europeu. D'Arbois de Jubainville propoz linguisticamente —pelos suffixos *asco*, *asca*, *osco*, etc., de nomes de localidades, e pela raiz *borm* dos nomes do deus *Bormo* ou *Bormanicus* que presidia aos mysterios das nascentes d'aguas thermaes (*borm* significaria *murmurio d'agua a ferver*) — a existencia dos ligures no grande trecho da Europa que comprehendem a Allemanha, a França, Suissa, a Italia, a Hespanha e Portugal. Tivemos no Alemtejo, nos arredores d'Aljustrel, as minas cupricas de *Vipasca*; e foram encontradas no Minho, nas velhas Caldas de Vizella, duas inscrições consagradas ao deus *Bormanicus* ou *Bormo*.

Em relações milenarias com os sombrios iberos, que habitavam a maior parte das terras peninsulares, nunca os ligures se fundiram

d'uma maneira geral com aquelles visinhos rudos, d'origem e genio differentes. D'aqui o antagonismo de raiz e vivo ainda entre a alma d'um portuguez e a alma d'um hespanhol, apesar das influencias, communs ao ligur e ao iberico, do meio peninsular, e dos sangues e das culturas dos outros povos invasores.

Mas isto não significa que o portuguez actual seja — um ligur sem mais nem menos como se poderia inferir da these de Theophilo Braga, talvez generalisadora e schematica demais. Além das modificações fatalmente inherentes a uma longa vida historica mexida e accidentada, ás variações correlativas dos meios physico e mental, e ao contagio inevitavel do modo-de-ser dos iberos, ha a considerar no ramo ou grupo ethnico ligur que se terá fixado no occidente da Peninsula as transfusões importantes, em porções e epocas varias, de sangue celta germano, de sangue phenicio-libyo, e de sangue arabe-berbere, sem contar as quotas menores transfundidas pelos judeus, pelos colonos francezes do tempo do conde Henrique, pelas armadas de cruzados que por cá se refocilaram aliados aos portuguezes nas conquistas aos moiros, e até pelos scandinavos dos *wikings* ou reis do mar que piratearam Lisboa, o Alemtejo, o Algarve e mais d'uma vez o Minho (!).

(Continúa.)

(!) Em 966 de C. (355 da H.), os scandinavos ou *normandos*, chamados então, na Peninsula, *madjus* ou *magiogs*, vieram atacar Lisboa em 28 *curcurs* (*naves longae*, dos romanos; *landskips*, dos irlandezes), retirando com presos e roubos após batalha com os moiros, talvez no Campo d'Alvalade ou Campo Grande actual; outrossim saquearam Beja; e foram batidos em Silves por uma armada sarracena que acorreu de Sevilha e ponde salvar os captivos. Em 971, um bando de dinamarquezes, commandados por Gudraed, celebrado rei do mar, desvastou o norte do Minho. E poucos annos depois, o mais fallado dos *wikings*, o norueguez Olaf (que veio a fazer-se christão e foi até canonisado) saqueou o Minho tambem.

NOTICIARIO

Por Horta—Não precisamos de pedir informações sobre os factos que se tem dado, ultimamente, no visinho logar de Horta, e a que alludimos no ultimo numero. D'um nosso presado amigo, que muito consideramos, recebemos, logo no principio da semana, a seguinte carta sobre o assumpto, que da melhor vontade publicamos:

Meu amigo:

Permitta-me que, por intermedio do seu jornal, chame a attenção das auctoridades para uma serie de selvagerias que se tem dado, nos ultimos tempos, neste logar, especialmente na noite de 25 para 26 do mez findo.

Entre outros factos, destacarei estes:

de lagrimas! Quando ella conversava, quando desprendia a prosa humilde dos mortaes, em phrases mais ou menos graciosas, não reparaste nunca que o orgão da sua voz conservava a mesma melodia do canto, ainda que frouxa e debil? Depois, se nos dizia um segredo ao ouvido, o bichanar d'aquella voz prestigiosa, que ainda na vespera encherá o theatro com o ruido esplendido das suas *volatas*, era tão meigo e tão suave, que parecia escutar-se o som melifluo e encantador do adejar de uma pomba ou de uma fada! Pois bem, meu amigo, essa mulher perdeu-me, e perdeu-me quando me salvou! Nunca mais poderei amar. O seu caracter foi sempre para mim um segredo: ainda hoje o é. No

Tinha o sr. Francisco Maria, de Carcavellos, numa propriedade que possui junto do Vouga, uma meda de estrume. Naquella noite, um ou mais malvados, em vez de aproveitarem o tempo para repousarem das fadigas do dia, invadiram a referida propriedade e vieram espalhar o estrume pelas ruas deste logar e pela estrada districtal. Não satisfeitos apenas com esta proeza, arrancaram numa outra propriedade um cômodo e ainda noutra um cancello que vieram collocar junto á porta do sr. Manuel Nunes Felizardo, em risco deste, ou de quem abraisse a porta de manhã, caír.

Pela mesma occasião approximadamente, os mesmos ou outros malvados — não pude sabê-lo — foram a uma vinha do sr. Ricardo Heliodoro, e cortaram-lhe umas 19 videiras, causando-lhe um prejuizo de 20.000 reis.

Tambem ha pouco tempo roubaram ao sr. Ricardo d'Oliveira Lopes, mais conhecido por Ricardo do Serrado, algumas redes que elle tinha lançadas, cortando-lhe outras com uma foice, segundo presume.

Por esta simples indicação se pôde fazer ideia das proezas de pura selvageria que se tem dado ultimamente neste logar. A continuar este estado de coisas, não pôde ninguem estar descaçado, e cada um terá necessidade de defender-se a si mesmo, visto a incuria das auctoridades.

No dia 27 foram presos Antonio Marques Dias e seu filho Manuel Marques Dias a quem attribuiram o primeiro facto que apontei. Foram postos em liberdade por não haver prova testemunhal. Apenas alguém affirmou que ouvira da bocca do segundo arguido esta phrase: «para a semana direi quem espalhou o estrume.» Só isto ellucida já alguma coisa, e será conveniente que as auctoridades aproveitem todos os indícios, por insignificantes que pareçam, para ver se os factos de tanta gravidade, como os que acabo de relatar, não ficam impunes. Doutra modo, bem pôde cada um tratar de pôr não só a propriedade, mas até a vida, no seguro...

Horta, 6-6-910.

Creia me etc.

X.

D'A'em-Mar—O nosso querido amigo dr. Alvaro Pato,

verdor da vida e das esperanças, ella não tinha mesmo ás vezes um sorriso para pagar á gloria os sorrisos que ella lhe dava; noutras occasiões, por qualquer nada, era uma alegria, um capricho de ideias, um phrenesi de gargalhadas! A creança mais louca não faria metade. Tudo então a entretinha, tudo lhe parecia seductor e azul. Esperava-se instantes e voltava a inquietação, o espirito triste, a distracção quasi insultadora. Perguntava cada um a si mesmo, nessa hora, se haveria apenas phantasia naquelle humor caprichoso, ou se eram os desvarios de uma imaginação febril e doente? Fui-lhe apresentado por um amigo que lhe disse não ter ella em Lisboa um mais fervoroso admirador

que tem estado a exercer as funcções de conservador em Moçambique, na sua passagem para a India, onde vae exercer cargo identico, escreveu-nos de Zamzibar. Está bem de saude e satisfeito, o que sinceramente estimamos.

Transcripção—O nosso collega *A Voz de Portugal*, de Arouca, transcreveu no seu logar d'honra o nosso artigo *Jesuítas e Franciscanos*. Agradecemos.

Consortio—Realizou-se no ultimo domingo, na igreja de Santo Ildefonso, no Porto, o enlace do nosso presado amigo e considerado commerciante sr. Pedro Pereira Lopes com a sr.^a D. Antonia da Conceição Lopes. Parainfaram o director d'este jornal, sr. dr. Alfredo Coelho de Magalhães, e sua esposa, a sr.^a D. Alice Vidal de Magalhães. Assistiram, além de outros, os srs. José Moreira e Manuel Fernandes, com suas esposas, José Ferreira Coelho de Magalhães, a menina Philomena e os meninos Anibal e Joaquim Lopes.

Apoz a cerimonia religiosa, os noivos e convidados dirigiram-se de carro para o Palacio de Crystal onde foi servido um esplendido jantar.

O noivo, que tem os o prazer de conhecer ha muitos annos, é um excellente character, honrando a sua classe, e a noiva é digna d'elle pelas suas primorosas qualidades. Sinceramente lhes desejamos as mais radiosas venturas.

Instrucção Primaria—Foi nomeado professor da escola central de Thomar o sr. Antonio Rodrigues Pepino, de Fermentellos, que obteve na escola Normal d'Aveiro a alta classificação de 20 valores. Muitos parabens.

Excursão—O «Rancho Alegre Mocidade» d'Aveiro promove, para os dias 24 a 27 do corrente, uma excursão a Lisboa, onde se realizarão brilhantes festas promovidas pela «Associação da Imprensa», no Jardim da Estrella. Os preços são: 2.^a classe, ida e volta, 4.400 reis, e 3.^a 2.800.

Do Congo—O nosso illustre amigo e eminente Prelado, sr. D. João Evangelista, bispo d'Angola e Congo, honra hoje as columnas do *Correio do Vouga*. Agradecemos-lhe, reconhecidissimos, a sua gentileza, e pômos inteiramente á sua disposição as modestas columnas do nosso semanario.

Aos nossos collaboradores—Por terem chegado

do que eu. Isto não era verdade então, mas foi verdade depois: porque, não sei; o certo é que depois d'esse dia perguntei maravilhado a mim proprio, sempre que a applaudia num phrenesi de entusiasmo, se ella era apenas uma grande artista, se uma mulher que eu amava! O amor tem o quer que é de crime; ou uma pessoa ama como quem se perde, ou não sente o amor. A minha consciencia principiava a ter medo; mas para dizer a verdade, havia uma força occulta que me impellia para pensar naquella mulher, ao passo que um recato inexplicavelmente melindroso sabia impedir-me de fallar nella aos indifferentes. Todos os dias a visitava, e passavamos horas a conversar de

tarde ao nosso poder somos obrigados a deixar para o proximo numero alguns originaes, entre elles a correspondencia de Vagos do nosso presado amigo Baptista da Cruz, a quem pedimos desculpa.

Tremores de terra—No ultimo domingo sentiu-se um tremor de terra no Porto, Barcellos e outros pontos do norte do paiz, não causando, felizmente, mais do que o susto.

—No mesmo dia, em S. Thiago de Cuba, houve um grande tremor de terra, ficando muitas casas desmoronadas e havendo muitas mortes a lamentar.

—Na terça-feira, de madrugada, sentiu-se, em todo o sul da Italia, um forte abalo de terra, desabando muitas casas e ficando soterradas dezenas de pessoas.

Catastrophe—Num passeio realizado no ultimo domingo, por iniciativa da Associação dos Empregados do Comercio de Lourenço Marques, voltou-se uma embarcação, morrendo afogados 24 adultos e 8 creanças.

CHORAR!...

O choro é como o rocio que á bonima
Lhe leva a vida em gota crystallina
P'ra não murchar.
E' como o loiro mel p'ra a borboleta;
E' como o sol d'Abri! p'ra a violeta;...
Que bom chorar!...

Santa Maria, a Mãe do Bom Jesus,
Vendo-o morrer nos braços d'uma cruz,
A Santa Mãe,
Pelo Christo, seu Filho, que morria,
Que gotejava alli, e que perdia,
Chorou tambem!

Vendo-se só no prado, um triste lyrio,
Cheio de angustia e dôr, por tal martyrio,
Só se acalmou,
Só mitigou um pouco a sua magua,
Quando sentiu seu calix cheio d'agua:
Quando chorou!...

A lua prateada, no infinito
Solta de noite um choro tão bemdito,
Tão divino,
Que faz crescer no campo a margarida,
Que côra, que enfiorece e que dá a vida
Ao roseiral.

A onda, quando o sol lhe bate em cheio,
Na praia, em voz dolente, em seu recreio
Oigo cantar;
Mas quando sente, ao longe, a tempestade,
Tendo do rubro sol grande saudade,
Lá vem chorar!

Que tem então que eu chore, se o chorar
Acalma esta tristeza, e o meu pesar
P'ra longe envia?
Que tem que eu chore, pois se á escuridão,
Que tenho muita vez no coração
Segue a alegria?

O choro é para mim remedio santo,
Nas vezes que padeço e soffro tanto,
(Dôr que não passa!...)
Que um allivio assim, só posso achar
N'um beijo... n'um sorriso... ou se arranjar
Bastante massa.

Junho, 910.

PRISCO.

O Casal

I

Aqui vae uma historia entre dois copos de cognac.

Quando principiou a contar-m'a, encheu o primeiro, dos dois, e:—Ouviste-a no theatro, muitas vezes, disse-me elle, e cuidou lembrar-me ter-te encontrado num entre-acto, no seu camarim. Nem da sua voz, nem da sua belleza, precisas que eu te falle. Quem, depois de a escutar uma vez, esqueceria o tom mavioso e melancholico do seu canto?—alguuma coisa de triste e poetico como um raio de lua por entre uma chuva

musica; ella gostava de me contrariar nas minhas predilecções, e quanto mais eu insistia, mais ella teimava, dando-se o ar de amuo de uma creança offendida nos seus caprichos. A' noite, como tinha sempre o seu mundo de cortezaõs a adoral-a em casa quando não havia theatro, era-me impossivel alcançar do seu espirito a original confiança de ideias que só sabia dar á intimidade; conservava-me alli como os outros a conversar de futilidades que se repetiam cada hora, e que quasi sempre, como é vulgar aos artistas, tinham por assumpto as intrigas do palco. Eu não conhecia nenhuma das outras cantoras d'essa estação, a Varenzi, ou a Giannoni; mas, a poder de ouvir fallar d'ellas,

Curiosidades

O PHAROL DE ALEXANDRIA

Foi o architecto Sostrado, de Cuido, que o edificou por ordem dos Ptolomeus: custou o que em moeda nossa corresponde a reis 2.848:800 contos.

Era o mais celebre dos pharoes construidos pelos antigos e o mais sumptuoso que tem havido no mundo.

Erguia-se em um rochedo que rematava a extremidade oriental da ilha de Pharos. Era todo de marmore e dividido em tres andares, formando cada um corpo differente: a base ou primeiro andar era quadrangular, o segundo andar formava um octogono, o terceiro era um cylindro.

O ultimo era cingido á volta por uma galeria; quem subia os degraus de marmore que conduziã até lá, podia abraçar com a vista toda a cidade, as suas fertes campinas, o Delta cortado pelos canaes, o Nilo arrastando para longe as suas aguas amarelladas e o mar estendendo-se num espaço immenso.

A luz do pharol estava a uma altura superior a cento e dez metros acima da praia e distinguia-se a oito ou nove leguas de distancia.

Em abono d'esta descripção summaria vamos reproduzir alguns textos de auctores antigos e da Edade-Media.

Flavio Josepho na sua «Historia da guerra dos judeus e dos romanos» fallando de uma torre chamada Phazael, erecta em Jerusalem, diz:

«A sua fórma era semelhante á do pharol de Alexandria, onde brilhava constantemente uma luz que servia de pharol aos marantes para que não mettessem pelos rochedos, onde podiam naufragar.»

Em uma passagem anterior diz:

«A entrada do porto de Alexandria é muito difficil. Do lado esquerdo ha um grande molhe que é como um braço que cinge o porto; ao lado direito ha a ilha Pharos onde se construiu uma elevada torre que tem constantemente accesa uma luz cujo clarão se estende a trezentos estadios de distancia e dá a conhecer aos marinheiros a linha de navegação que devem seguir.»

Masudi, escriptor arabe do quarto seculo de Hegyra, falla do pharol da seguinte maneira:

«Presentemente é de cerca de uma milha a distancia que ha entre o pharol e a cidade de Alexandria; o pharol fica na extremidade de uma lingua de terra cercada de agua por todos os lados, e está construido na bocca do porto de Alexandria, mas não do velho porto, onde os navios não aportam, por ficar distante das habitações.»

Actualmente o pharol tem cerca de duzentos e trinta covados de altura; antigamente media perto de quatrocentos covados; o tempo, os tremores de terra e as chuvas deterioraram o a pouco e pouco.

E' de tres fórmas distinctas a sua construcção: é quadrangular até pouco menos de metade e um pouco mais de terço, e feito de

já eu proprio descrevia e analysava os actos mais particulares da sua vida como se me interessasse pela sua existencia e vivesse entre a gente da sua condição. Amar uma prima-donna, tem isso de mau, amigo; identifica-se um homem com aquella natureza e destinos; e principia a sentir-se cantor... excepto a voz! As Leonoras, as Lucias, as Saphos da scena lyrica deixam ficar no camarim a alma, a poesia, e o genio; em casa, são umas affaveis creaturas, que entretem com as visitas longas dissertações sobre os segredos da veneziana polenta, ou sobre as astucias de caracter da cantora rival, que alcançam da empreza operas que lhe não pertencem; é um mundo de coisas aviltantes e

pedra branca, medindo perto de cento e dez covados; depois torna-se octogno, e é de pedra e cal na extensão de sessenta e tantos covados, restauração relativamente moderna, de certo.

Cerca-o uma varanda que permite passear em volta d'elle. Finalmente a superior é circular.»

Diz um escriptor que mediu o pharol e achou ter duzentos e trinta e seis covados:

«E' de tres andares: o primeiro figura um quadrado, de cento e vinte e um covados e meio de altura; o segundo apresenta a fórma de um octogno, com oitenta e um covados e meio de altura; o terceiro é circular e tem trinta e tres covados e meio.»

Finalmente outro arabe, Ibn-Batuta, que nasceu em Tanger em 1302 e viajou durante vinte e quatro annos pela Russia, Asia Menor, Syria, Hespanha, Sudão e pelo Egypto, falla do seguinte modo acerca do pharol de Alexandria:

«Durante a viagem, visitei o pharol e achei arruinada uma das suas faces: é uma construcção quadrangular que se ergue para os ceus. A porta é praticada acima do solo; em frente ha uma construcção da mesma altura que serve para nella se segurarem pranchas de communicacão para a porta do pharol, á qual não ha meio de chegar, quando se tiram as pranchas. Pela parte interior da entrada ha um compartimento onde está o guarda do edificio.»

No interior do pharol ha muitos outros compartimentos. Mede nove palmos de largura a passagem que dá para o interior, e tem dez palmos de espessura o muro de fortificacão. O pharol tem quarenta palmos em cada uma das suas quatro faces.

Está situado em uma alta eminencia distante da cidade e em uma lingua de terra cercada de mar por todos os lados.»

Do pharol antigo desapareceu até a ultima pedra.

Primitivamente a palavra pharol era um nome proprio que servia para designar uma ilha; depois tornou-se um nome commum e applicou-se a todas as torres illuminadas que os homens ergueram desde então para segurança da navegação.

E' a repetição do que aconteceu com o mausoleu que tambem se tornou um nome commum, que ainda se applica aos monumentos funerarios quando apresentam uma tal ou qual magnificencia, e foi outra das sete maravilhas do mundo.

Tanto o pharol como o mausoleu tiveram a sua progenie que, ao que parece, serviram de typo ás construcções do mesmo genero que a antiguidade ergueu depois.

(Do Portugal em Africa).

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Encontra-se no Porto, onde tenciona fazer exame da 7.ª classe de letras, o nosso presado amigo João Nepomuceno Pestana Girão.

Anniversario

Fez annos na sexta-feira a sr.ª

penosas, onde a calunnia de D. Basilio marcha num crescendo impiedoso. Dizem tudo com uns ares adoravelmente apaixonados, maneiras tentadoras, ondulações de gata namorada, suspiros flauteados, e attitudes melancolicas; chega-se a considerar as victimas ignoradas; grandes genios que os empregarios não entendem! e indignamo-nos contra as outras cantoras accusando-as de desafinarem! de terem tres amantes! de serem tysicas como visões! ou, se são gordas, de terem pernas que parecem pés de elephante... com meias! de não sabermos dizer a pira-sel de terem dentes postigos! de haverem sido lavadeiras de um maestro que as fez cantoras! de serem mais feias fora da scena do que

condessa de Sucena, que se impõe á sympathia e consideração de todas as pessoas que a conhecem, pelas suas nobres qualidades de espirito e coração. A sua ex.ª, a seu ex.ºo esposo, o sr. Conde de Sucena, e a seu dilecto filho, o distincto alumno da Universidade, sr. José Sucena, os nossos mais respeitocos cumprimentos.

D'ALÉM-MAR

Manaus, 22-1-910

(CONCLUSÃO)

Ha dias, recebemos um amavel convite para visitarmos a importante fabrica «Mimi» da firma Lima & Soares. Accedemos, e, altas horas do dia, quando os bellos raios do sol incidiam sobre a frente do edificio, apresentámo-nos ao socio Manuel José Soares que nos recebeu gentilmente. Entrámos pela secção da bolacha, encontrando installados ao lado esquerdo dois motores, um de cinco cavallos e outro de dez, recentemente chegado e representando a ultima palavra na industria americana. Proximo aos motores está o torrador de café; um pouco adeante, o cylindro, e a seguir, do lado direito, uma cortadeira, typo allemão, aperfeiçoadissima. Na secção da padaria existem dois grandes fornos, um para bolacha, e outro para pão, estando tudo muito bem disposto e com o maximo aceio.

Quando nos dispunhamos a retirar-nos, encontrámos o socio sr. José Nunes de Lima com quem entretivemos uma demorada conversa sobre o desenvolvimento da fabrica que, apesar de estar fundada ha pouco mais d'um anno, conta já uma extraordinaria freguezia e gosa d'uma excellente reputação. As suas marcas de bolacha «Mimi» «Maria», «Acreana», etc. são muito conhecidas e apreciadas.

Terminando estas ligeiras notas, que não dão a mais leve ideia da bella impressão que nos deixou a visita a que nos referimos, agradecemos muito reconhecidamente aos srs. Soares & Lima o seu captivante convite.

Annibal C. F. Paiva.

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 3

(RETARDADA)

Vindo de S. João de Loure, chegou hontem a Lisboa o nosso velho amigo José Rodrigues Correia de Mello (Melicias), digno correspondente do Correio do Vouga nesta cidade. A estação foram esperá-lo muitos dos seus amigos. O presadissimo Melicias, mal se apanhou na capital, tra-

Medusa com a cabelleira de vi-boras!

A índole de Angiolina não era essa, todavia; habituára-se a ser assim, como eu me habituei a ella tambem; um genio imprudente e franco, é o que ella era; conhecia-se isto nas suas predilecções, nos seus caprichos, nos seus impetos ao acaso; é a unica italiana que eu tenho visto gostar de touros! Mas, gostar de que fórma, com que entusiasmo, com que ardor! Já de vespera um inquieto phrenesi a agitava:—Amanhã! dizia-me ella, amanhã! Oh! que o dia esteja esplendido como a festa! Que o sol doire a praça! Que um céu azul sorria por cima das nossas cabeças! Que tudo seja bello e grande nesta tarde que vale um dia,

tu de barbear-se, indo a casa do sr. Manuel da Costa Jerego, onde teve occasião de apreciar um esplendido sabão, chegado ha pouco do Cartaxo.

Tambem chegou, ha dias, a esta cidade, o nosso querido amigo José Augusto Baeta que deve partir brevemente para S. João de Loure. Que gose nos patrios lares de todas as venturas a que tem jus é o que sinceramente desejamos.

Com a maior satisfação recebemos a noticia de ter sido absolvido em Albergaria-a-Velha o nosso amigo Antonio de Paiva cujo defensor foi o sr. dr. Antonio de Pinho que, segundo nos informam, cumpriu o seu dever com dignidade e brilho.

O julgamento do sr. Antonio de Paiva dava-nos margem para muitas considerações sobre as rivalidades que separam a população de S. João. Receiamos, no entanto, que o director do jornal a que destinamos esta carta não as acolheria de boa vontade, embora nos esforçassemos por ser o mais imparcial possivel. Limitámo-nos, por isso, a lamentar os factos que se tem dado e a desejar que não se repitam.

Baeta Junior.

Idem, 8

Depois d'uma prolongada ausencia de três mezes, motivada pela perda d'uma pessoa querida de familia, volto a occupar o meu modesto lugar de correspondente do Correio do Vouga, continuando a esforçar-me, quanto seja possivel, por informar com exactidão os illustres leitores d'aquelle jornal.

Acaba de chegar a esta cidade o meu presado amigo sr. José Marques dos Santos e as sr.ªs Felicidade Marques dos Santos e Benilde Marques Laranjeira, todos de S. João. Na estação foram esperados por grande numero de pessoas, entre as quaes os srs. Antonio Duarte Correia de Mello, Joaquim Dias d'Oliveira, Manuel Nunes Baeta Junior, Firmino Baeta e quem escreve estas linhas.

Retirou para S. João de Loure o meu presado amigo José Nunes Baeta de Mello, chegado ha pouco de Manaus.

Uma commissão de commerciantes da Praça das Flores trabalha com afan para festejar ruidosamente o Santo Antonio, o S. João e o S. Pedro. O jardim deve estar embandeirado e illuminado, á moda do Minho, o que está a despertar grande curiosidade. Haverá corridas de bicycletes, disputando-se premios de valor. Realisar-se-ha um baile de varinas, cantando-se varias canções, entre as quaes a «Imprensa no tribunal», «José do Telhado», etc.

O tempo continúa frio e agreste, soprando vento rijo e chovendo por vezes.

Tem passado doente o meu amigo sr. José d'Oliveira Abreu. Faça votos pelas suas rapidas melhoras.

Melicias.

Azurva, 9

Falleceu, no dia 6, na Azenha de Bai-xo, o nosso amigo sr. José Farella, que gosa de muitas sympathias entre as pessoas que o conheciam. O funeral realisou-se, no dia 7, ás 9 horas da manhã, sendo o cadaver conduzido na carreta da Irmandade de Nossa Senhora d'Ajuda, deste logar.

A toda a familia enluctada, sentidos pesames.

No dia 6 respondeu no tribunal de Aveiro a sr.ª Maria de Jesus Fernandes por ter furtado um pouco de junco e ter espancado a queixosa, Maria d'Oliveira. Foi condemnada em 10 dias de multa, a remir a 100 reis por dia. Advogado, Dr. Peixinho.

No mesmo dia respondeu o nosso amigo sr. João da Moita, accusado de espancar a esposa, a referida Maria de Jesus Fernandes. Foi condemnado a 20 dias de prisão correccional e 10 dias a remir. Advogado, Dr. Cherubim Guimarães.

Encontra-se gravemente doente a sr.ª Siveria Rodrigues da Maia, cujas melhoras sinceramente desejamos.—C.

S. João de Loure, 8

Afim de visitar a sua familia e de assistir ás festas de S. João Baptista, que, este anno, serão importantes, chegou de Lisboa aqui o sr. Julio Nunes Sequeira.

Partiu para a capital o sr. José Rodrigues Correia de Mello, digno correspondente do Correio do Vouga.

Realisou-se hontem, na igreja matriz

nesté dia que vale um anno! a turba se precipite em torrentes, e encha até as trincheiras falsas! Que ninguem chegue a um logar qualquer sem se estribar nas mãos, nos pés, nos cotovellos! Que uma liberdade inquieta e nervosa dê á festa a sua feição de tumultuosa alegria! Que todos fallem, gritem e apostrophem, esmagando se uns aos outros com um solemne desprezo pelas leis physicas! Que morram amanhã, que morram!—E ria como louca, e como louca pulava, troteando um trecho de aria, depois uma serenata de gondoleiros, depois alguma cançoneta melancolica de umas que ella sabia, que eu nunca ouvi a mais ninguem. A tristeza, assim como a alegria d'aquella rapariga, tinha o

desta freguezia, o baptisado d'uma filha do nosso amigo sr. Antonio Dias d'Andrade. Foram padrinhos da gentil creança, que recebeu o nome de Maria Augusta, a sr.ª Maria Dias d'Andrade e o sr. João Lopes da Silva.

Tem feito por aqui rigorosissimo inverno, o que causa grandes transtornos aos lavradores. Se assim continua, é de prever que tenhamos uma cheia, que muito prejudicará algumas sementeiras que já estão feitas.

O dia, hoje, apresentou-se lindo e mais quente. Bom será que d'aqui em deante aconteça o mesmo.—C.

Alquerubim, 7

Festejou-se, no domingo, na igreja matriz d'esta freguezia, o Coração de Jesus, havendo predicas nos três dias anteriores, á festa. No domingo, ás 9 horas da manhã, houve primeira communhão ás creanças, ás 11, missa solemne, e, á tarde, ladainha com vesperas, sermão e procissão.

Prégo o distincto orador Salomão Pinto Vieira, de Sarreu, que confirmou os creditos de que gosa. Falla ao coração dos ouvintes numa linguagem consisa e clara. Todas as suas affirmações são baseadas na doutrina de Christo. «Todos somos irmãos; devemos amar-nos uns aos outros para haver paz e socego na sociedade; não devemos desejar aos outros o que não queremos para nós. Liberdade, egualdade e fraternidade—eis o thema da sua oração, mas não esqueceu de accentuar que os inferiores devem respeitar e obedecer aos superiores. Finalmente, a sua doutrina é útil e precisa á sociedade.

Tem chovido bastante, estes dias, o que está prejudicando muito a agricultura. Se continúa, perde-se o vinho e o azeite, e as sementeiras dos campos marginaes do Agueda e do Vouga, que já vão bastante adeantadas, não se poderão concluir.

Partiu hontem para Lisboa, com demora é poucos dias, o sr. Manuel Pereira da Silva, abastado proprietario e capitalista em Angeja e negociante no Pará.

Aquellé nosso amigo foi no dia 3 ao Porto, no seu bello automovel, de visita ao sr. David José de Pinho, e em companhia do sogro d'este sr. Manuel Maria Amador.

Foram por Ovar e Espinho, regressando por Oliveira d'Azemeis e Albergaria. Pena foi que a chuva os não deixasse fazer outras visitas ao Porto, como desejavam. Ainda procuraram o sr. Bento Carqueja, dignissimo Lente da Academia Polytechnica, mas não tiveram o prazer de encontra-lo.—C.

Troviscal, 9

No ultimo domingo, logo de manhã, segundo se suppõe, um meliante já bem conhecido entre nós pelas suas anteriores façanhas, furtou ao sr. Joaquim da Silva, alli do visinho logar da Povoa do Carreiro, uns objectos d'ouro, no valor de 50,000 réis pouco mais ou menos.

Em seguida dirigiu-se para Aveiro, a fim de fazer a venda dos mesmos; sendo recebido pela policia com as honras devidas á sua cathogoria. Foi hospede da esquadra da mesma cidade durante uns dois dias onde confessou o crime sendo os objectos furtados:—um cordão d'ouro, um crucifixo, umas flores e um anel do mesmo metal, entregues ao seu dono e o mel-rinho posto em liberdade a pedido do queixoso, o que é triste, porque elle precisava d'um exemplar castigo.

D'aqui a dois dias faz outro, se é que já não o tem feito a estas horas...

De visita ao sr. dr. Manuel José Pinhal, do Passadouro, estiveram hontem entre nós os srs. dr. Matheus Pereira Pinto e seu filho dr. Antonio Breda, de Barró (Agueda).

Tambem aqui vi hontem os srs. José dos Santos Pato, da Mamarosa, e Pedro da Silva Michaelo, de Malhapão-sinho, bem como o sr. Manuel Pereira, da Pontena.

As rolinhas da Feiteira deram um cascarrão com a minha ultima correspondencia e promettem mesmo correr-me á pedra quando eu por lá passar. Fizeram mal, porque não foi intuito meu offender ninguem e nem eu tenho nada com a vida albeia.

Cada um gosa-a o melhor que póde, que isto são sé dois dias...

Ora pois...

O tempo tem continuado de completo inverno.—Gil.

quer que é de phantastico; muitas vezes me lembrei, a olhar para ella, dos talismans das lendas; tinha, entre outros artificios, o segredo de quebrar a sua tristeza quando queria, e ficar alegre e risonha, como se atrasse ao mar em vaso fechado com o sello magico, que nenhum espirito quebra, o genio da melancolia, que os pescadores das Mil e uma noites deixam escapar da entre aberta urna em turbilhões de fumo negro!

(Continúa)

JULIO CESAR MACHADO.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (Y. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfasiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exageros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacocastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, enfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisação o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL

DE

Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genese e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUNNOS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Nlaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . 100 reis



ANGELO VIDAL

ABC ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguém disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de a adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos. A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Afonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Afonso Gayo. 1 vol., 100

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA (Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1\$200
» —semestre	600
Africa —anno	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2\$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha . . .	10 reis
Communicados, cada linha . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam.º Int.

3.º ANNO—N.º 25